

## Grupo de Crescimento Psicológico: uma experiência em Psicologia Social Comunitária.

Aurino Lima Ferreira<sup>1</sup>  
Paula Roberta Vieira Eskinazi<sup>2</sup>  
Tâmara Cristine Gomes Bezerra<sup>3</sup>

### 1. Introdução

No “Relatório para a Unesco da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI”, contidas no livro “Educação: um tesouro a descobrir”, Jacques Delors (2003), aponta-se como principal consequência da sociedade do conhecimento a necessidade de uma aprendizagem ao longo de toda a vida fundada em quatro pilares que são ao mesmo tempo pilares do conhecimento e da formação humana. São eles: aprender a ser, aprender a viver juntos, aprender a fazer, aprender a conhecer.

Na linguagem de Delors (2003), uma educação do *aprender a ser* objetiva desenvolver a personalidade, expandindo os seus potenciais de forma a poder cada vez mais usar a sua capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade consigo e com o outro.

Neste texto, exploraremos o trabalho realizado em das comunidades mais estigmatizadas do Recife: o Coque. Neste lugar se vive o Grupo de Crescimento Psicológico como um dispositivo facilitador do *aprender a ser*, através da vivência de práticas de “cuidado de si” capazes de ajudar na resistência frente à violência que se manifesta de forma epidêmica entre a juventude.

A escolha do trabalho de grupo em comunidade retoma as idéias de Góis (1993), sobre a Psicologia Social Comunitária como uma área da Psicologia Social que estuda a atividade do psiquismo decorrente do modo de vida do lugar/comunidade. Articulando o espaço comunitário e grupal como capaz de desenvolver a consciência dos moradores como sujeitos históricos, críticos e comunitários, problematizando seus modos de aprender a ser.

Neste sentido, buscaremos inicialmente destacar o campo de trabalho da pesquisa, seguido de uma breve apresentação do dispositivo funcional do Grupo de Crescimento. Logo após, será apresentado o espaço grupal como um meio de cuidado de si e reflexões sobre a experiência realizada.

#### 1.1 Contextualizando o campo de trabalho

A comunidade do Coque é reconhecida, no imaginário social local, como uma das favelas mais violentas do Recife, PE. Com uma população média de 40 mil habitantes, desde a década de 1990, o bairro tornou-se um “problema” para o sistema público de segurança. Em 1996, foram 56 pessoas assassinadas. Dessas, 26 morreram por envolvimento com quadrilhas da comunidade e 50% dos mortos tinham menos de 21 anos, de forma que a comunidade passou a figurar com a insígnia: “morada da morte” (Diário de Pernambuco, 12/01/1997). Insígnia que marca a carne dos seus moradores, servindo de ponto de ancoragem para os preconceitos e exclusões até o presente.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais da UFPE. E-mail: aurinolima@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda de Psicologia da Faculdade Integrada do Recife - FIR. Estagiária da Associação Civil – NEIMFA, Cuidadora de Residência Terapêutica (SUS). E-mail: paula.vieira8@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda de Psicologia da Mauricio de Nassau. Estagiária da Associação Civil – NEIMFA . E-mail: tamaracrys@hotmail.com

Em meio a esta situação, o Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA) foi criado a partir da parceria entre moradores da comunidade do Coque e um grupo de jovens em 26 de setembro de 1986, objetivando a superação da violência e promoção de uma cultura de paz. Neste contexto, ele vem buscando ampliar uma rede de solidariedade ao desenvolver uma formação sócio-educacional baseada em um sistema pedagógico alternativo, ancorado em um modelo de integralidade que favorece o diálogo entre as tradições espirituais multiculturais (em especial o Budismo), as abordagens transpessoais e mais recentemente a fenomenologia-existencial.

Dentre as atividades desenvolvidas por esta organização social encontra-se o “Curso de formação de educadores holísticos” que tem por objetivo a formação de jovens líderes dentro de uma perspectiva de cultura de paz. Durante dois anos (2007 e 2008), acompanhamos os trabalhos desenvolvidos no Grupo de Crescimento Psicológico com os 10 (dez) adolescentes, sendo 3 (três) do sexo masculino e 7 (sete) do feminino, na faixa etária entre 13 e 14 anos. Todos os adolescentes tiveram ao longo do último ano de observação um alto nível de exposição a situações de violência.

O Grupo de Crescimento Psicológico se insere, como parte da Matriz Curricular do curso de “Educadores Holísticos”, no qual o eixo central desse curso consiste em promover um incentivo à formação humana dentro de uma perspectiva integral, aliando um intenso processo de escolarização crítica a uma preparação ético/espiritual, com vistas a intervenções sociais que promovessem a redução da violência, resgate da cidadania e paz na comunidade.

O curso oferecia formação para trabalho em organizações sociais, acompanhamento escolar, apoio na área cultural e de lazer, incentivo à realização de curso de nível superior e um intenso contato com as tradições espirituais que trabalham no processo de formação humana para uma cultura de paz (NEIMFA, 2007).

Buscou-se investigar como o trabalho psicológico, que visa o “aprender a ser”, poderia ajudar a superação dos processos de exclusão vividos pelos alunos que estão inseridos na instituição.

## **2. Dispositivo funcional do Grupo de Crescimento Psicológico**

O Grupo de Crescimento Psicológico surgiu de uma dupla demanda: primeiramente da instituição que buscava encontrar um dispositivo capaz de auxiliar os alunos a incorporarem experientialmente atitudes de “cuidado de si” que ajudassem na superação dos processos de exclusão. E em segundo lugar, dos responsáveis pelos alunos que apresentaram um pedido para que os filhos recebessem apoio psicológico, tendo em vista a percepção de que a exposição aos processos de violência afetava o comportamento dos adolescentes.

A denominação Grupo de Crescimento Psicológico surgiu da relação dos facilitadores e dos adolescentes, pois nos primeiros contatos com os adolescentes acertou-se que o objetivo do trabalho seria procurar facilitar processos grupais, desenvolver as potencialidades nas relações interpessoais, intrapessoal e com a comunidade dentro da perspectiva do “aprender a ser”. Os encontros passaram a ocorrer aos sábados e tinham uma duração de aproximadamente duas horas, sendo a coordenação partilhada por dois ou mais alunos coordenadores/facilitadores sob a supervisão de um professor.

Para favorecer o funcionamento do Grupo de Crescimento Psicológico foi necessário estabelecer um enquadre grupal, conceituado como:

“[...] a soma de todos os procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o processo terapêutico. Assim resulta de uma conjunção de regras, atitudes e combinações, como, por exemplo, o local, o horário, número de sessões semanais,

tempo de duração da sessão, férias, honorários, número de pacientes, de aberto ou fechado, etc.” (ZIMERMAN, 2000 p.144).

O enquadre foi instituído para facilitar a condução do trabalho por parte dos dois jovens facilitadores e foi constituído por uma demilitação temporal (duração de 2 horas), espacial (espaço de encontro, disposição dos participantes no espaço – sentados, em pé) e contrato (regras de convivência, pagamento simbólico dos encontros). Por se tratar de um atendimento em uma instituição que tem como procedimento e norma acompanhar a participação e permanência dos alunos em função do número de faltas, foi incluída a realização de chamada como parte do enquadre.

A delimitação temporal do enquadre no espaço comunitário para ser inclusivo deveria obedecer às regras do imaginário local acerca do tempo, sendo necessário a superação da lógica temporal convencional, meramente marcada pelo relógio (Kronos) e a inclusão de uma temporalidade marcada por ciclos (Kairós). No início dos trabalhos os jovens coordenadores consideravam “resistência” o fato dos alunos chegarem muitas vezes atrasados, sem considerarem que no período de chuvas os moradores da comunidade estabelecem como ritmo sair de casa bem mais tarde. Assim as duas horas estipuladas para o trabalho do grupo se deslocava nos ritmos da comunidade, o que implicava a variação do tempo real.

A espacialidade foi outro grande desafio enfrentado no trabalho grupal, pois a necessidade de adaptações a diversos espaços foi requerido dos coordenadores, sendo o enquadre espacial visto como a própria comunidade. Assim, as intervenções poderiam ocorrer em múltiplos espaços, não requerendo a idéia de uma sala fixa e pré-determinada para o trabalho.

O propósito do contrato era definir concretamente as bases do trabalho que iria ser realizado, de modo que ambas as partes tivessem uma idéia clara dos objetivos, das expectativas e também das dificuldades a que o processo grupal envolve, para reduzir depois, durante o curso do trabalho, o surgimento de ambigüidades, erros e mal entendidos frente aos objetivos do grupo.

Eizirik (2005) destaca que o contrato “representa o princípio da realidade e a ele se opõem as forças das fantasias e do principio do prazer, sempre prontas a fazê-lo”. Desta maneira, o contrato no grupo investigado contribui para passagem do princípio do prazer, que representa o estado de onipotência, para o principio da realidade, que representa o estado de imposição de limites.

Um dos elementos do contrato do Grupo de Crescimento Psicológico que possibilitou essa passagem foi o do pagamento simbólico – que constituiu em um ingresso para a entrada de cada encontro – este ingresso não era linear, podendo ser: produções de desenhos, poemas, histórias, relatos sobre a semana vivenciada. A falta do ingresso acarretava na não entrada no grupo, tendo necessidade de trazer ingressos acumulados no encontro seguinte.

O pagamento simbólico visava romper com a idéia de que o trabalho no meio comunitário de baixa renda tem um caráter assistencialista, sendo o dinheiro o único bem simbólico a circular. As trocas simbólicas efetuadas com o pagamento marcavam o ritmo de interesse dos adolescentes em participar do grupo, além de favorecer aos jovens facilitadores a possibilidade de lidar com as questões que envolvem o pagamento no trabalho com grupos.

Ao longo dos dois anos de acompanhamento do Grupo de Crescimento Psicológico percebeu-se a presença de duas grandes fases que ajudaram a compreender o processo de inclusão: fase de consciência corporal e fase dialógica.

a) Fase de consciência corporal e dos limites – nesta fase, dada as dificuldades dos adolescentes em fazerem uso de simbolizações através do verbal e do uso do corpo e da ação física como meio central para se expressarem (acting out), foram utilizadas práticas de cuidado que envolvia a aprendizagem da consciência corporal e percepção do limite de si e do outro.

Neste momento as atividades tiveram um caráter eminentemente lúdico e visavam ajudar no aumento da percepção de si e do outro.

b) Fase dialógica – com a ampliação da percepção de si e do outro houve um maior crescimento psicológico no que diz respeito à internalização das regras de convivência grupal. As mudanças relacionadas às novas necessidades corporais, psíquicas e sociais, próprias da adolescência, encontraram maior campo de negociação através do diálogo e da negociação de conflitos. Nesta segunda fase do processo, os contratos já estavam mais internalizados, as expressões de conflitos estavam mais ao nível da palavra, existindo mais liberdade e possibilidades de ser e relacionar-se.

Sabendo-se, como destaca Zimerman (2000), a importância do acompanhamento dos pais dos participantes de um grupo de adolescentes, os coordenadores montaram um grupo de “roda de diálogo” com os responsáveis. Este encontro ocorria uma vez ao mês e buscava ajudar a favorecer a continuação do processo de crescimento psicológico, emocional, moral e cognitivo dos adolescentes via redução dos conflitos na rede de relações parentais.

Esta participação em grupo com os pais possibilitou aproximação dos objetivos do processo grupal realizado na instituição, além de gerar motivação mútua e levantamento de necessidades e dificuldades individuais e grupais. Os desejos, medos e aspirações profissionais dos filhos foram temáticas emergentes iniciais nestes encontros e parecem refletir a grande preocupação dos pais em relação ao destino dos seus filhos em uma sociedade que marcadamente exclui.

Outra visão teórica grupal que teve grande influência na montagem do Grupo de Crescimento Psicológico foi o trabalho com grupo operativo desenvolvido por Pichon Rivière (1998, 2000). O grupo operativo se caracteriza por ser dinâmico, reflexivo e democrático, neste os participantes possuem uma tarefa externa que correspondem aos objetivos conscientes que o grupo assume, e uma tarefa interna que se propõe a trabalhar com todos os processos vivenciados no grupo, de maneira consciente e inconsciente, objetivando a efetuação da tarefa externa.

A formulação de um objetivo que será trabalhado no decorrer dos encontros tem como principal finalidade a busca por mudanças e realizações. Partindo da concepção de Pichon-Rivière (1998) sobre o que é grupo, sua teoria dará grande ênfase aos vínculos sociais, que são a base para os processos de comunicação e aprendizagem. Segundo Osório (2000) este autor entende o sujeito como um ser social e que através da relação com o outro acaba por se constituir.

As concepções de Pichon Rivière (1998,2000) marcam o Grupo de Crescimento Psicológico através de um trabalho focal que abordava quinzenalmente temáticas transversais, como por exemplo, a sexualidade. O objetivo/tarefa era refletir sobre o assunto escolhido pelo grupo, vivenciar práticas de cuidado que ajudassem a provocar deslocamentos subjetivos nos participantes. Assim, as temáticas tornavam-se foco de reflexão vivida, sendo os problemas que surgiam no decorrer da semana tomados como alvo para reflexão no campo grupal, buscando-se reatualizar cada vez mais a coesão grupal pelo “cuidado de si”.

## **2.1 O espaço grupal como prática de cuidado de si**

A noção de cuidado de si surge na Grécia antes mesmo do aparecimento do termo filosofia. Em sua origem, indica uma postura diante da realidade, postura caracterizada por um constante “ocupar-se consigo”, “preocupar-se consigo mesmo” ou ainda “tomar conta de si mesmo”. Longe de ser uma preocupação autocentrada, trata-se de uma atividade desenvolvida com a finalidade de aperfeiçoar o sujeito em sua relação com o outro ao mesmo tempo em que é o ponto central do que se costuma chamar a “arte de viver bem” ou como “uma forma de viver,

uma forma de vida, uma eleição vital, e que possui um valor existencial que afeta a nossa maneira de viver, nosso modo de estar no mundo” (HADOT, 2006, p. 11). Essa atividade mostra-se vinculada a um certo número de regras que não são impostas por alguma instância externa, mas pelo sujeito a si mesmo e por isso tem uma estreita ligação com a noção de liberdade.

Nesse sentido, o cuidado de si emerge não como um princípio abstrato mas como uma prática constante (FOUCAULT, 2001). Ao analisar aspectos históricos, vemos que o princípio do cuidado de si esteve na base de toda a filosofia antiga (incluindo Sócrates) bem como nas práticas dos primeiros cristãos. Porém, o que se enxerga na modernidade é um excesso de valorização da máxima délfica “conhece-te a ti mesmo” em detrimento do “cuida de ti mesmo”.

As técnicas de si configuram-se como uma problematização dos modos de constituição das nossas identidades, um questionamento permanente sobre o nosso modo de ser, apontando para a possibilidade de sermos diferentes; são, portanto, uma questão ética, a relação de si para consigo mesmo. Assim, essas práticas devem ser aplicadas no instante mesmo de realização das ações, visto que nesse momento nossas identidades vão se construindo.

As técnicas de si são práticas que ajudam os indivíduos a cuidarem de si mesmos, ou seja, são ferramentas reveladoras de si mesmo. Obviamente, esse tipo de atividade não pode ser considerado fácil. Trata-se de um trabalho que exige grande esforço e predisposição. Uma série de práticas é descrita nos tratados de filosofia antiga, entre elas a meditação, a escuta, o silêncio, o diálogo, a ascese e a escrita. Todas estas práticas foram utilizadas no trabalho do Grupo de Crescimento Psicológico.

Como exemplo de prática de cuidado de si utilizada no processo de aprender a ser no grupo investigado, podemos destacar a “escrita de si”. Esta prática desponta, como um espaço narrativo-expressivo para os adolescentes, permitindo-lhes a descrição, sobretudo, do que se passa internamente, ajudando-os a refletir sobre como as situações externas os afetam internamente. Em outras palavras, a escrita de si representa uma tomada de posição, por parte de alguém que participa, em relação a certos aspectos e acontecimentos. Mais ainda, é uma escrita que nos ensina como lidar com nossas próprias paixões.

Desse modo, essa ação exigia dos adolescentes uma atividade contínua, diária e ascética, no sentido de insistir na escrita apesar das dificuldades encontradas para expressar e demonstrar o que se passa com eles. Quando aborda a escrita de si, Foucault (2001, p. 134-5) indica que esta escrita remete-nos imediatamente a uma prática muito comum na antiguidade que podiam ser a escrita de “livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda”.

No grupo, os adolescentes eram estimulados a escreverem cartas e diários com uma dupla finalidade: primeiro, a escrita servia para ampliar o cuidado com os amigos, contar o que se passava com eles e tranquilizar as ansiedades; segundo, no momento em que escreviam, estavam mostrando a si mesmos, ajudando a ampliar a percepção de si e criando um momento de revisão de seus pensamentos, sentimentos e ações.

Era habitual também reler aquilo que tivesse sido escrito bem como escrever sobre aquilo que se leu, fazendo de leitura e escrita um par inseparável. Esse *par* se organizava como um método de problematização dos movimentos da subjetividade. Nesse sentido, a escrita contribuía para que o adolescente pudesse expressar as experiências vividas e refletidas, transformando assim os saberes em ações.

Quando escrevemos, estamos nos mostrando a nós mesmos e aos outros e, assim, revelando nossos desejos, medos, sonhos. Desse modo, a escrita contribui para que possamos organizar nossos pensamentos em busca da verdade sobre nós mesmos e sobre o mundo. Assim, a escrita de si se nos apresenta como uma ferramenta de crescimento, desenvolvimento e auto-formação, pois nos serve como uma força de reflexão, análise e avaliação tanto de nós mesmos

quanto dos outros e das situações, tornando-nos capazes de agir com consciência e nos possibilitando ter uma postura ética frente à realidade que nos cerca.

No grupo observado, as práticas de cuidado foram ganhando gradativamente um aspecto central, passando a serem elementos fundamentais na constituição do modelo formativo de grupo capaz de ajudar na constituição da subjetividade.

### **3. Uma breve reflexão sobre a experiência**

Como um corpo em crescimento, também o grupo padece de dores, se desequilibra, resiste ao crescimento. Ali se sentem a dor, a angústia, a raiva, o amor, a alegria, o medo, a tristeza, a desunião, a união, a amizade, as diferenças e semelhanças, ou seja, todos os sentimentos humanos encontrados na relação. Assim, o viver no grupo reatualiza o processo de humanização, desencadeando a continuidade do aprender a ser.

Como seres marcados pela finitude, somos constantemente demandados a ampliar nossa humanização, já que como humanos aprendemos a ser através do encontro e da tomada de consciência de si e do outro. Este movimento de dobrar-se sobre si permite-nos perceber os limites e ao mesmo tempo abre-nos as infinitas possibilidades de novas aprendizagens.

Foi com o olhar de descobertas, limites e possibilidades que se encarou as experiências vivenciadas por cada membro do Grupo de Crescimento Psicológico.

Durante o primeiro ano do Grupo de Crescimento Psicológico surgiu nos participantes o desejo de intimidade, manifesto no movimento de compartilhar coisas mais “secretas” e dessa forma criaram um lugar para “suas tristezas, alegrias, medos” (sic)<sup>4</sup>. Como por exemplo, em uma das dinâmicas “Estou vulnerável quando...”, e uma das participantes completou: “quando tenho medo de falar o que sinto” (sic) ou “quando eu faço qualquer coisa só para o outro gostar de mim” (sic). E com o passar do tempo de convivência e facilitação do grupo, os participantes foram construindo a experiência de que as diferenças e dificuldades individuais não os fazem inimigos potenciais.

Nos encontros seguintes houveram assuntos levantados por eles, como por exemplo, como o outro me percebe e como eu percebo o outro, e dessa maneira, possibilitou reflexões como: “concordo com tudo que foi dito, e agora que eu tenho conhecimento da visão dos demais, eu vou refletir sobre como eu posso melhorar”.

Em outras ocasiões “expressões de raiva” como “Você é calado demais, então agüente as conseqüências da minha separação” (sic).

O ponto central do Grupo de Crescimento Psicológico reside no seu poder de transformação, na disponibilidade de escutar, de falar, de sentir, se posicionar e responsabilizar-se. Na tentativa de dobrar-se sobre si em busca de resignificar sua subjetividade através de práticas de cuidado.

Nos encontros, os integrantes comentavam e questionavam os modos de ser uns dos outros. Diante de um membro que ficava completamente calado nos encontros, falou-se: “ele dificulta ele mesmo, porque seria mais fácil se ele falasse” (sic). Foi perguntado para este aluno: “por que tu ficas calado, de boca amarrada?” E a resposta foi: “Porque vocês ou outras pessoas poderiam ajudar se escutassem quando fico calado, ajudaria até o nosso grupo mesmo” (sic). Nesta fala busca-se uma abertura para um escuta inclusiva, até mesmo para o silêncio. Assim, a disponibilidade para escutar, falar e posicionar-se em relação a si e ao outro vai se construindo. Sendo o outro percebido não mais como um problema (o de dificultar a expressão), mas como alguém que me ajuda a assumir a responsabilidade por si.

---

<sup>4</sup> As falas dos adolescentes apresentadas nesta seção são de seus diários (através da Escrita de Si) e foram incluídas para exemplificar as principais contribuições do Grupo de Crescimento Psicológico.

Quando questionado sobre sua aprendizagem no espaço grupal, um dos participantes destaca:

Aqui trabalhamos com valores humanos e cultura de paz para conscientizar da importância de usar os valores humanos no dia-a-dia na comunidade, é mexer com você mesmo, mexer nas emoções, nos pensamentos, no corpo, no coração, em tudo mesmo, é mexer com o que pensa do outro (sic).

Esta visão de trabalhar a integralidade do ser presente na proposta do Grupo de Crescimento encontra ressonância com o texto de Delors que indica-nos que a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade. Assim, dentro da perspectiva do relatório, todos os seres humanos deveriam, por meio da educação, ser capazes de agir de forma o mais humanizada possível nas diferentes circunstâncias da vida. Para isso, cada um deveria ser capaz de ter pensamentos autônomos e críticos, ou seja, assumindo coerentemente seus caminhos e escolhas, como poderemos perceber na fala de um dos participantes a seguir:

Aprendi que tenho pensamentos próprios, meus mesmos. Que tem muitos pensamentos no mundo, muita diferença, que posso ser eu mesmo de verdade e pensar no outro também, temos que dividir o mesmo mundo, quer eu queira ou não, tem sempre o outro para também eu olhar, gente como eu, que passa por problemas e também que vai buscar o melhor para sua vida. Eu penso por mim e penso que as pessoas também ficariam melhor se penso nelas junto (sic).

No processo de *aprender a ser*, a necessidade de “conhecimento de si” e “cuidado de si” (FOUCAULT, 2001) são fundamentais para se contrapor aos processos de desumanização impostos pelo avanço da razão instrumental, assim como permite ao indivíduo a possibilidade de continuar seu processo de humanização, superando gradativamente as incongruências e divisões através de um processo de transformação do ser, como podemos perceber nas palavras de Policarpo Júnior (2006, p. 12):

Quando a vida pessoal é vivida com sabedoria, a tendência é perceber que de fato não há separação entre introspecção e ação no mundo. Por meio da auto-reflexão, isto é, pelo exercício do diálogo interior, os hábitos mentais e comportamentais, os sentimentos e emoções podem se tornar progressivamente objeto da razoabilidade. Sem autocomiseração e inclemência, é possível que o indivíduo transforme seus limites, fraquezas, medos, potencialidades e virtudes em algo familiar, refletindo sobre eles e passando a chamar pelo devido nome cada uma de suas atitudes preponderantes, passando de fato a conhecê-las e a discernir-lhes o sentido, não apenas vivendo como seu refém.

Este processo pode ser visto em um dos discursos de uma integrante do grupo: “Uma pessoa do grupo precisa ser como um filósofo, pois ele precisa ampliar a visão sobre si e sobre a realidade que ele está vivendo [...]. Por isso tem a psicologia, para que a gente coloque as nossas idéias, nos expressarmos, enfim, falar sobre o grupo, sobre a semana e o que se sente” (sic).

No entanto, sem o exercício e apropriação da reflexão, da experiência e contemplação, exercidas conjuntamente no que tange aos fenômenos do interior humano, não se pode desenvolver aquela finalidade a que o Relatório Jacques Delors se referiu como o “aprender a ser” (Delors, 2003, p. 99-102).

Na linguagem de uma integrante do grupo, pode-se perceber o que este trabalho desenvolvido integra as múltiplas dimensões do humano: “seria um trabalho com o todo, com o corpo, com o pensamento e com o que sente, com tudo mesmo” (sic). Sendo este, um processo de transformação com o objetivo de proporcionar uma visão mais ampla ao ser, ou seja, aprendendo a ser.

Assim o trabalho no Grupo de Crescimento, ainda dentro da perspectiva dos jovens, pode ser vista como uma integradora dos vários potenciais humanos, tendo como meta “ajudar a si, ao próximo e a comunidade que a gente vive” (sic).

Das reflexões acima, podemos perceber que o desenvolvimento de um trabalho grupal por meio de amplo acesso ao “aprender a ser” só poderá ser atingido mediante um processo educacional que valorize o indivíduo em sua totalidade. A valorização do indivíduo, por sua vez, implica a necessidade do reconhecimento do outro, que não pode ser concebido a priori como objeto, o que seria mais uma forma de opressão. E como “a solidariedade é uma forma de conhecimento que se obtém por via do reconhecimento do outro, o outro só pode ser reconhecido como produtor de conhecimento” (SOUZA SANTOS, 2000, p. 30), o que significa um profundo respeito às diversidades dos saberes, das múltiplas inteligências e das variações culturais.

Percebe-se através desta experiência com o Grupo de Crescimento Psicológico que o Conhecimento de Si e do outro, através da fala, dos movimentos do corpo, da escuta, da escrita, do olhar e do contato possibilitou os participantes melhor estratégia para cuidarem de si e do outro.

### **3. Considerações finais**

O acompanhamento das experiências vividas do Grupo de Crescimento Psicológico forneceu algumas pistas para compreensão da possibilidade de um modelo de intervenção direcionada à redução dos mecanismos de exclusão presente nos trabalhos com grupos em comunidades de baixa renda.

A primeira concepção fundamental do trabalho consiste no entendimento de que a existência grupal propiciadora de crescimento está irremediavelmente ligada ao aprender a ser, de forma que a experiência grupal com adolescentes deveria ser capaz de ajudá-los a desenvolver a personalidade, expandindo os seus potenciais de maneira a poder cada vez mais usar a sua capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade consigo e com o outro.

A concepção do espaço grupal como um campo de cuidado de si, abre espaço para pensarmos os processos de inclusão do adolescente para além de sua inserção no mercado de trabalho, desafiando-nos a refletir sobre as meta da formação humana.

Pondo o aprender a ser como o dispositivo de reflexão sobre a liberdade, o Grupo de Crescimento, abre possibilidades de se desdobrarem os potenciais das múltiplas dimensões humanas em vista da plenitude de sua realização no mundo-da-vida. Assim, em que pesem as dificuldades de sua realização, a meta da formação humana não se reduz à adequação do adolescente ao sistema por meio da criação de um “cidadão”, nem à priorização de um único aspecto da multidimensionalidade do ser, como por exemplo a dimensão cognitiva. A meta do grupo é a plena humanização do ser, o que só é possível pela inclusão e integração contínua de suas múltiplas faces.

O trabalho do Grupo de Crescimento Psicológico mostrou-se capaz de ajudar na constituição do sujeito através do aprender a ser, pois questiona as diversas formas de existir, possibilitando a emergência de novas subjetividades e de viver em comunidade, além de favorecer o despontar de jovens líderes comunitários, que passam a ser modelos de identificação, superando os estereótipos dos jovens de risco, assim como o surgimento de sentimentos de pertencimento grupal e construção de identidade grupal capaz de oferecer suporte para violência vivida no meio social.

A utilização sistemática de exercícios de cuidado de si poderia ajudar na promoção da superação das inúmeras divisões que nos marcam ao longo do processo de humanização, pois:

[...] permite compreender com maior facilidade que exercícios como estes não são produtos apenas do pensamento, senão de uma totalidade psíquica do indivíduo que, em especial, revela o autêntico alcance de tais práticas: graças a elas o indivíduo acessa o círculo do espírito objetivo, o que significa que volta a situar-se na perspectiva do todo (HADOT, 2006, p. 24).

Assim, reiteramos que diferentemente das concepções a respeito dos fins do trabalho com adolescentes, como a tarefa prática de preparar os indivíduos para a vida profissional, o trabalho grupal dentro de uma perspectiva de cuidado busca ampliar e resgatar os fundamentos da razão formativa, a saber: a humanização. Isso implica novos desafios para psicologia e para educação, para escola e para as diversas formas de intervenções sociais que visam à inclusão. Nesse sentido, as palavras de Neidson Rodrigues (2001, p. 253-254) permanecem plenamente atuais:

As crianças serão enviadas para a Escola cada vez mais cedo e nela permanecerão por um tempo mais extenso. E isso não será porque há um mundo novo de informações a ser processado e, sim, porque a Escola deverá exercer o tradicional papel das famílias, das comunidades, da Igreja, e ainda, o que lhe era próprio: desenvolver conhecimentos e habilidades. Ela deverá se ocupar com a formação integral do ser humano e terá como missão suprema a formação do sujeito ético.

Ocupar-se da formação do sujeito ético continua sendo o desafio de todas as formas de trabalho com grupos que trabalham com o referencial de inclusão. Assim como o acompanhamento das experiências vividas do Grupo de Crescimento Psicológico forneceu algumas pistas para compreensão da possibilidade de um modelo de intervenção em Psicologia Social Comunitária direcionada à redução dos mecanismos de exclusão presente nos trabalhos com grupos em comunidades de baixa renda.

#### 4. Referências Bibliográficas

- COQUE: a morada da morte. Diário de Pernambuco, Recife, 12 de jan. 1997.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 8.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2003
- EIZIRIK, C. L. **Psicoterapia de Orientação Analítica: fundamentos teóricos e clínicos**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- FERREIRA, A. L. **Reflexão incorporada no processo de formação do adolescente: uma experiência na comunidade do Coque**. Disponível em <[http://elogica.br.inter.net/ferdinan/aurinolima\\_tra.pdf](http://elogica.br.inter.net/ferdinan/aurinolima_tra.pdf)>. Acessado em 19 jan. 2008.
- FOUCAULT, M. **L'Herméneutique du sujet**. Cours au Collège de France, 1981-1982. Édition établie par François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros, Paris: Seuil/Gallimard, 2001 (Coll. Hautes études).
- \_\_\_\_\_. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Piados Ibérica, 1990.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GOÍS, C. W. L. **Noções de psicologia comunitária**. Fortaleza: UFC, 1993.
- HADOT, P. **Ejercicios espirituales y filosofía antigua**. Madri: Ediciones Siruela, 2006.
- MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento Interpessoal: treinamento em grupo**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2002.

NEIMFA – Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis. **Histórico**. Disponível em <<http://www.neimfa.org/texto.htm>>. Acessado em 07 de Dezembro de 2007.

OSÓRIO, L. C. **Grupos: teorias e práticas – acessando a era da grupalidade**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

POLICARPO JÚNIOR, P. **Sobre a Concepção de Formação Humana**: um diálogo entre o campo educacional e a tradição budista. III encontro de filosofia do norte e nordeste. Filosofia e formação humana. 17 a 20 outubro, Recife, 2006, 1 CD-Room.

RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 22, n. 76, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302001000300013&ln=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302001000300013&ln=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 Jul 2007. Pré-publicação.

RÖHR, F. **Esclarecimento e reencarnação na “educação do gênero humano” de Gotthold Ephraim Lessing**: uma hipótese em torno da questão da meta da formação humana. III encontro de filosofia do norte e nordeste. Filosofia e formação humana. 17 a 20 outubro, Recife, 2006, 1 CD-Room.

SOUZA SANTOS, B. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.